

www.teologiaemcasa.com.br



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

ΔΙΑΚΟΝΙΑ MINISTÉRIO

Uma coletânea de escritos de

Álvaro César Pestana

Agosto de 2011

© 2011 Álvaro César Pestana

PESTANA, Álvaro César. **DIAKONIA –
MINISTÉRIO**: Uma coletânea de escritos.¹
LEITURA OPCIONAL. Brasil: Escola de
Teologia em Casa, 2011.

38 p.: 30 cm.

1. Ministério Cristão; 2. Eclesiologia; 3.
Filologia Bíblica.

© 2011 Álvaro César Pestana

¹ Apresentada no Congresso Cristão do Norte de 2000, Araguaína, TO.

LIDERADOS POR CRISTO E NÃO POR HOMENS²

No princípio a igreja era uma só, espalhada por todo o mundo e servida por bispos (ou presbíteros ou pastores, Atos 20.17, 28; Tito 1.5,7; 1Pedro 5.1-4). Cada igreja tinha uma pluralidade (Atos 11.30; 14.23; 15.2, 4, 6, 23; 21.18; Filipenses 1.1; Tito 1.5; Tiago 5.14; 1Pedro 5.1) destes homens, de forma que havia vigilância contra os falsos ensinamentos (Atos 20.28-31; Tito 1.9).

Mas como a história posterior testemunha, este arranjo divino não foi seguido nos séculos seguintes. No segundo século, Inácio de Antioquia advogava a escolha de um bispo por igreja, assistido por um grupo de presbíteros, de forma que a partir de então surgiu uma organização hierárquica dentro da igreja: o bispo estava acima dos presbíteros. Mais tarde outras formas de hierarquização foram surgindo: bispos diocesanos, bispos metropolitanos, patriarcas, e finalmente o bispo universal.

Os desvios posteriores vieram daí: desvios da "liderança" causam inúmeros outros. O que se perdeu, desde então, não foi apenas a simplicidade do funcionamento da igreja original, mas perdeu-se a pureza do evangelho. Assim, se quisermos manter a sã doutrina, temos que aprender a lição que a história nos ensina: precisamos entender corretamente a posição dos ministros na obra de Deus.

O objetivo destes escritos é rejeitar a ideia de liderança e reforçar a de serviço como a base do exercício dos dons e da vida da igreja.

DIFERENÇA ENTRE JESUS E O MUNDO

Termos que tomar muito cuidado ao lermos livros religiosos sobre "liderança espiritual". Maior cuidado ainda deve ser tomado se for um livro secular que fala sobre liderança. Jesus afirmou que seu conceito de "liderar" era completamente diferente do mundo religioso e mais diferente ainda do mundo das organizações humanas.

No conceito de Jesus, liderar é lavar pés, ou seja, liderar é servir. É ministério. Em João 13.1-17 temos a situação da reafirmação da "liderança" de Jesus. No verso 3 vemos que Jesus estava completamente consciente da sua plenipotência. Com base nisso, ele lavou os pés dos Doze, mostrando qual a verdadeira grandeza no

² Esta lição reúne e reorganiza dois artigos de minha autoria publicados na revista Edificação: "Ministério: Liderar ou servir?" [nov/1989] e "Ministério: a extinção dos líderes" [out/1989].

Reino. O Evangelho de Lucas, relatando o mesmo evento, dá ênfase ao ensino de Jesus:

"Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior. Mas Jesus lhes disse: 'Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim: pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve. Qual é pois o maior: quem está à mesa, ou o que serve? Porventura não é o que está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve' (Lucas 22.24-27)".

No mundo liderar é estar "por cima" na pirâmide de hierarquia; no organograma de uma empresa os chefes estão sempre acima de seu subordinados, e o desejo de todos é subir. Jesus, porém, afirma: "Na minha igreja não será desta forma! O 'líder' (ministro) vai estar por baixo, servindo e dando a sua vida pelo bem dos outros". Grandeza, no Reino, é ser como uma criança e dirigir é ficar por baixo, gastando-se no serviço. Não se fala de "autoridade" nem de "experiência" que capacita a mandar nos outros. Tudo isto é raciocínio mundano que quer entrar na igreja. Liderar é ser aquele que serve a todos e que espera o reconhecimento apenas de Deus. Isto é ser ministro.

JESUS REJEITOU O MODELO DE LIDERANÇA CONFORME O MUNDO

Na hierarquia do mundo os "maiores" lideram os "menores" (Marcos 10.42; Lucas 22.25). Há quem tente dizer que a palavra "líder" não significa necessariamente algo mau ou hierárquico.

Qualquer pessoa que lança mão de um dicionário da língua portuguesa para definir o sentido de um termo bíblico está prestes a cometer grandes erros. O melhor meio de estudar termos bíblicos é usar concordâncias e léxicos nas línguas originais.³

Neste nosso estudo, entretanto, iremos observar o sentido do termo "líder" e assemelhados em dicionários da língua portuguesa por dois motivos. Primeiramente, porque seria impossível estudar o termo na Bíblia já que não ocorre nela.

Em segundo lugar, entendendo as conotações do termo em nossa língua e cultura, veremos que a palavra está associada com ideias de chefia e comando. Tais ideias não tem base nos termos bíblicos que

³ Bost, B. J. & Pestana, A. C., **Do Texto à Paráfrase: Como Estudar a Bíblia**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 1992, cap. 7.

descrevem os obreiros cristãos; muito pelo contrário, negam o sentido destes termos.

Talvez na sua língua original, a língua inglesa, a palavra “líder” não tenha a mesma força que na língua portuguesa, mas já que a igreja aqui no Brasil precisa entender o que os outros brasileiros vão entender com o uso do termo, cumpre-nos dar atenção ao sentido da palavra “líder” na nossa cultura e não em outras.

O senhor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira⁴, que já virou sinônimo de dicionário, define assim os termos sob estudo. Os grifos são meus.

"Líder: (do ingl. leader), s.m., 1. Indivíduo que chefia, comanda e/ou orienta qualquer tipo de ação, empresa ou linha de ideias. 2. Guia, chefe, condutor que representa um grupo, uma corrente de opinião."⁵

"Liderado: adj., que ou aquele que está sob a liderança de outrem, que obedece a um líder."

"Liderança: s.f., 1. Função de líder. 2. Capacidade de liderar, espírito de chefia. 3. Forma de dominação baseada no prestígio pessoal e aceita pelos dirigidos."

"Liderar: v.t.d., 1. Dirigir na condição de líder."⁶

Veja que líder é o mesmo que chefe, comandante e representante. O liderado está abaixo dele (está sob) e obedece a ele! Liderança é domínio. Outros dicionários também foram consultados e os resultados foram os mesmos. A conclusão irrefutável é que líder ou líderes são entendidos em bom português como chefes, comandantes, pessoas a quem se obedece. O termo “líder” encaixa-se exatamente no que Jesus rejeitou para sua igreja.

No reino de Cristo não é assim, pelo contrário, buscamos servir ao invés de ser servidos (Marcos 10.43-45). Este é o exemplo de Jesus (Lucas 22.26-27).

Assim, qualquer tentativa de administrar ou liderar a igreja com técnicas e princípios vindos da organização social humana seja ela empresarial ou governamental, está fadada a introduzir na igreja uma doutrina estranha. No Novo Testamento não há organização hierárquica, mas há corpo organizado.

⁴ Buarque de Holanda Ferreira, Aurélio, **Novo Dicionário da língua Portuguesa**, 2ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, pág. 1029.

⁵ Os usos 3 e 4 são omitidos por serem sentidos muito restritos.

⁶ O uso 2 também não merece discussão.

JESUS REJEITOU O MODELO DE LIDERANÇA RELIGIOSA DE SEU TEMPO

A liderança religiosa do tempo de Jesus e de hoje tem as mesmas características (Mateus 23.1-12):

1. Afirmar ter continuidade com a tradição de comando (v. 2);
2. Mandar para não ter que fazer (v. 4);
3. Ensinar sem praticar (v. 3);
4. Fazer apenas o que aparece e dá destaque (v. 5);
5. Apreciar de tudo que enfatiza seu "status de líder" e o que o coloca publicamente na frente dos outros (v. 5-6);
6. Desejo de ser considerado "líder" e ser tratado como tal (v. 7).

Jesus rejeitou este tipo de pensamento: (Mateus 23.8-12) No Reino de Deus, o conceito farisaico de liderança foi rejeitado por Jesus. É espantoso o fato de ser o modelo mais divulgado no mundo cristão moderno. Jesus disse:

1. A autoridade suprema é Deus. O único mestre e guia é ele mesmo; todos os outros são ladrões e salteadores (João 10.8). Jesus tem toda autoridade, logo, não sobrou nada para os "líderes" da igreja (Mateus 28.18).
2. Há um forte princípio de igualdade no ensino de Jesus: "Vós sois todos irmãos". Deus tem filhos e não netos; todos são iguais perante Deus. Atribuir a homens títulos que só devem ser atribuídos a Cristo é idolatria. O único guia ou "líder" no Novo Testamento é Jesus.
3. Nosso papel é servir (v. 11-12) e não decidir ou mandar.

JESUS ESTABELECEU UM MODELO DE SERVIÇO: O MINISTÉRIO CRISTÃO

Para Jesus, o trabalho de cada cristão é servir, conforme o exemplo dele (João 13.1-17). No Evangelho de Mateus (23.1-12), vemos que Jesus também rejeitou o modelo de liderança religiosa que existia no seu tempo (e que predomina hoje nos meios religiosos).

Portanto, não pratiquemos a idolatria de atribuir a homens falíveis e iguais a nós, títulos que só devem ser atribuídos a Cristo. O único guia ou "líder" no Novo Testamento é Jesus. Não aceitemos ser colocados

na liderança ou na chefia, pois estaremos aceitando tomar o lugar de Cristo na vida daqueles que nos pedem para liderá-los.

Isto não quer dizer que não iremos trabalhar por Cristo, mas sim que, ao invés de comandar e liderar, iremos servir e ajudar. Nosso trabalho é servir.

MINISTÉRIO NO NOVO TESTAMENTO

Depois de abandonar os modelos hierarquizados que o mundo e a religião nos impõe, estamos mais preparados para apreciar as palavras ministro e ministério no Novo Testamento.

As palavras ministro e ministério são associadas, secularmente, com altos cargos políticos, nos quais estão envolvidos poder, status, mordomias, etc. No Novo Testamento seu sentido é muito diferente. Ministro e ministério são traduções dos termos gregos DIAKONOS e DIAKONIA, respectivamente. Um DIAKONOS (servo, ministro) trabalha em sua DIAKONIA (serviço, ministério).

Estas palavras vem do verbo DIAKONEIN que significa basicamente "servir, atender, cuidar".⁷ Assim, não estamos falando de posição de honra ou privilégio, mas de trabalho em prol de outros.

Ser um apóstolo era um serviço (Atos 1.17, 25; 20.19, 24). O trabalho ou serviço deles era o de ensinar a palavra de Deus (Atos 6.4). Sua carreira não consistia na busca de sucesso ou de mais autoridade, mas em serviço (Atos 20.24). O serviço deles não era realizado com base nas suas capacidades ou virtudes, mas somente na misericórdia de Deus que pela graça designou-os para o ministério (1Coríntios 4.1). Assim, ser um apóstolo era ser um DIAKONOS, um servidor. Este é o modelo dos obreiros cristãos.

A NECESSIDADE DE SERVIR

Este conhecimento, à luz de tudo o que já observamos, traz profundas implicações para o funcionamento da igreja e o modo como encaramos a irmandade.

Primeiro, precisamos mudar nossa concepção de "ministro religioso" como sendo alguém "com-mais-autoridade-e-experiência". O ministro, na definição do próprio sentido da palavra que encontramos no Novo Testamento, é aquele que serve. Ministério não

⁷ Gingrich & Danker, p. 53; Bauer, p. 183

é posto, nem posição, mas serviço; é um dom para o serviço (Romanos 12.7; 1Pedro 4.10).

Ministério, na acepção da palavra, quer dizer serviço, assim como estamos acostumados a dizer que batismo, na acepção da palavra, quer dizer imersão. Se alguém não for imerso, não foi batizado; se alguém não serve a igreja não é ministro. Derramar água na cabeça de alguém não é batismo; da mesma forma que "mandar, comandar e decidir" não é servir, é ser chefe! E isto foi condenado por Jesus.

A NECESSIDADE DE NÃO COMANDAR

Uma outra consequência deste conceito de ministério como serviço, e não como autoridade e poder, é a ausência de disputas políticas e de lutas pelo controle do poder, dentro da igreja.

Em Atos 6.1-6, a escolha dos apóstolos não oscilava entre "liderar" ou servir, mas entre a DIAKONIA das mesas e a DIAKONIA da Palavra. Ou seja, era escolha entre serviço e serviço, entre ministério e ministério.

Em seu ministério, eles não tomaram decisões pela igreja, mas instruíram o povo de Deus para que eles tomassem suas próprias decisões. Seu papel como ministros da Palavra atingiu o objetivo quando o povo agiu com sabedoria decidindo escolher sete helenistas para cuidar das viúvas, tanto helenistas como hebreias. Não houve disputa pelo poder, não houve representantes de hebreus entre os sete. Houve instrução espiritual e decisão visando o serviço e não o poder.

Assim, para a igreja funcionar, precisa de servos e não de líderes. De fato, funciona melhor sem estes.

VOCABULÁRIO DE SERVIÇO

O vocabulário do Novo Testamento para designar os obreiros é sempre um vocabulário de serviço e que não tinha nada de hierárquico:

DIAKONIA [διακονία] é traduzida "ministério" e "serviço". DIAKONOS [διάκονος], "servidor" ou "ministro", é o termo que define aquele que tem uma DIAKONIA [], serviço ou ministério. O termo se torna técnico quando aplicado aos diáconos da igreja (Filipenses 1.1; 1Timóteo 3.8,12), mas tem um uso mais amplo para falar dos apóstolos (Atos 1.17, 25; 6.4; 20.19,24; etc), e de todo tipo de obreiro (Romanos 12.7; 1Coríntios 3.5; 2Coríntios; Efésios 4.12; Colossenses

4.17; 1 Tessalonicenses 3.2 etc). Jesus definiu sua atuação e dos seus obreiros como DIAKONEIN [διακονεῖν], "servir" (Mateus 20.28; Marcos 10.45; Lucas 22.26-27).

HUPERETES [ὑπηρέτης] é traduzido "ministros", "servos", "ajudantes", e especialmente usado para funcionários e serventes oficiais (Mateus 5.23; 26.58; Marcos 14.54, 65; Lucas 4.20; Atos 5.22, 26; etc). Os primeiros pregadores do evangelho eram chamados "ministros" (HUPERETAI [ὑπηρέται], Atos 1.2) e o próprio Paulo se designa deste modo (1 Coríntios 4.1). Uma grande diversidade de funções e serviços vem associada a esta palavra.

OIKETES [οικέτης], designa o "servo doméstico" ou "servo pessoal" (Atos 10.7; 1 Pedro 2.18). Cada cristão é um "servo da casa" de Deus (Romanos 14.4). A conotação de intimidade e proximidade em relação ao amo está associada a este termo.

LEITOURGOS [λειτουργός] designa alguém encarregado de serviço especial. O governo é, neste sentido, um servo de Deus (Romanos 13.9), também os anjos (Hebreus 1.7). Os obreiros cristãos são também servos executando o serviço de adoração a Deus e Cristo (Filipenses 2.25; Romanos 15.16). A vida e trabalho da igreja é o serviço ou culto (LEITOURGIA [λειτουργία]) que ela deve prestar a ele (Filipenses 2.17,20; Atos 13.2) e também o serviço sagrado prestado a irmãos (Romanos 15.27). Estas palavras designam um serviço formal e regular.

DOULOS [δούλος] é o "escravo" e "servo" com implicações que vão desde a humildade até a humilhação. O DOULOS [δούλος] é propriedade de outro. É a palavra com a qual Paulo se apresenta muitas vezes em relação a Deus (Tito 1.1), Cristo (Gálatas 1.10), etc. Os obreiros cristãos também são chamados DOULOI [δούλοι], "servos" (2 Timóteo 2.24), assim como toda a igreja (Apocalipse 1.1).

OIKONOMOS [οικονόμος] é traduzido por "despenseiro", "administrador", "mordomo" e "servo". É o empregado ou servo que cuida dos bens de seu senhor em estrita obediência a sua vontade e ordens. Os obreiros cristãos são assim designados por estarem trabalhando com o que não é seu, mas sim, de Deus (1 Coríntios 4.1,2; Tito 1.7). No fim, todos os cristãos são administradores dos dons de Deus (1 Pedro 4.10).

SUBMISSÃO AOS SERVOS

Para que a igreja funcione não são necessários “líderes fortes” mas uma igreja submissa e cooperadora com o ministério de cada irmão.

Quando os ministros fazem o que devem, vão encontrar apoio da igreja para o exercício de seu serviço. Em 1Coríntios 15.15-16, Paulo ordena que os irmãos em Corinto se submetam aos da casa de Estéfanos. Veja que o motivo desta ordem de submissão não é baseada em algum padrão de hierarquia ou posição de poder, mas simplesmente porque eram pessoas que estavam trabalhando, ou melhor, servindo. Eles estavam trabalhando até a extenuação⁸, e por isso precisavam ser apoiados.

Também o texto de Hebreus 13.17 ensina o mesmo princípio. A igreja se submete aos obreiros para facilitar e possibilitar sua atuação. Os guias aqui devem ser os bispos da igreja. A igreja deve ser submissa a estes servos para que eles possam cuidar dos irmãos com alegria. Caso contrário, os obreiros vão trabalhar "gemendo" de dor, sem condições ideais de serviço. A submissão voluntária da igreja possibilita o serviço voluntário do ministro. Assim, ambos estarão, voluntariamente, obedecendo a Deus.

A submissão voluntária da igreja possibilita o serviço voluntário do ministro. Assim, ambos estarão, voluntariamente, obedecendo a Deus. Veja que também não foi ordenado "os da casa de Estéfanos" tentassem submeter a igreja. Se alguém for submetido à força, não estará sendo bíblicamente submisso. A igreja deve se submeter aos que se submetem à igreja para servi-la. Assim, não há lugar para "caciques" e "chefes" na igreja nem no ministério.

Os obreiros devem ser bem tratados e apoiados no seu ministério por causa da importância do trabalho que fazem (1Tessalonicenses 5.12-13). Isto aplica-se aos bispos da igreja, mas também a todo que atua em uma área específica de serviço designado por Deus.

Não há ordem bíblica para que um obreiro “submeta” a igreja. Se alguém for submetido à força, não estará sendo bíblicamente submisso. A igreja deve se submeter aos que se submetem à igreja para servi-la.

A autoridade é de Jesus (Mateus 28.18). Ninguém tem autoridade a não ser ele. Sem dúvida, que para o exercício de qualquer tarefa no corpo, o servo precisa de valer-se da autoridade do seu senhor (Marcos 13.34). Temos autoridade de fazer tudo que Jesus mandou

⁸ Paráfrase dos termos "cooperador e obreiro".

conforme o mandamento dele. A igreja aprende a tomar suas próprias decisões enquanto exercita os dons espirituais dados aos membros do corpo. A mão decide ser mão; o pé decide continuar sua função e assim por diante. Cada um decide o que diz respeito ao seu trabalho, mas sua decisão não é para si, mas sim para o serviço dos outros (1Pedro 4.10-11). O que passar disto é autoridade humana que não tem a ver com nossa fidelidade a Jesus.

APLICAÇÕES

O "ministro religioso" não é alguém "com-mais-autoridade-e-experiência". O ministro é aquele que serve. Ministério não é posto, nem posição, mas serviço; é um dom.

Abandonemos a palavra "líder", pois tem conotações de comando. Para tentar ficar com a palavra líder, alguns definem os obreiros cristãos como "líderes-servos"! Não adianta. A expressão é tão contraditória quanto "batismo-por-aspersão" ou "nadar-andando". Liderança e serviço são opostos, tanto pelo sentido dos termos em nossa língua, como pela terminologia bíblica. Vamos usar "nomes bíblicos para coisa bíblicas".

Isto é tão contraditório como "batismo-por-aspersão" ou "nadar-andando". Liderança e serviço são opostos, tanto pelo sentido dos termos em nossa língua, como pela terminologia bíblica.

O apelo ao texto de Hebreus 13.7, 17, 24 e aos "guias" ali mencionados como apoio à ideia de liderança despreza o contexto que afirma que o modo como eles exercem sua função de "ir guiando" a igreja com o ensino é com o apoio completo da igreja. Não se trata de liderança⁹ que Jesus condenou em Mateus 23.10, mas da função de cuidar e ajudar: isto é serviço e não liderança.

O último e mais recente recurso de ensinar liderança baseado no Novo Testamento vem de duas novas versões bíblicas: Bíblia na Linguagem de Hoje e também a Nova Versão Internacional. Cabe lembrar que os autores de tais versões pertencem a sistemas protestantes nos quais líderes, chefes e poderosos dominam há séculos. Eles não tem condições de se desvencilhar de sua herança protestante. Talvez nem queiram. O recurso a estas versões não é um argumento forte, afinal, nenhuma versão é perfeita, e em nossa opinião, neste ponto elas estão erradas.

⁹ O termo em Mateus, no original, é diferente do de Hebreus, mas a raiz é a mesma.

Para nós, povo de Cristo, só há um Líder. Todos os outros são ou devem ser servos.

Todos devem cooperar com os obreiros. Eles são servos que recebem a gratidão da igreja e não ditadores que precisam ser derrubados. Eles não tem o "poder". Eles tem trabalho a fazer. Submissão aos presbíteros e aos outros obreiros em geral é mandamento de Deus para a igreja.

Ninguém é "líder" na igreja. Este título não ocorre no Novo Testamento.¹⁰ Vamos chamar os que trabalham com termos bíblicos: obreiros, servos, cooperadores, ministros, etc. Chamar alguém de "líder" pode levá-lo a pensar que de fato o é: isto seria um grande engano, pois só Cristo é Líder.

A igreja é um corpo comandado por Cristo, o cabeça. A igreja precisa pensar muito nesta imagem. Caso contrário, irá assumir modelos humanos de "liderança". O obreiro torna-se patrão, pai ou burocrata¹¹ da igreja, enquanto deveria ser servo. No corpo, um membro não pode sobrepor-se a outro; todos tem sua função e todos cooperam. Quando alguém visitar sua congregação e perguntar: "Eu quero falar com os dirigentes", a resposta deve ser, "Quem manda aqui é Jesus Cristo. Fale com ele." Qualquer outra resposta transforma a igreja em organização humana.

Os ministros da palavra ensinam e não tomam decisões pelos outros. Não há necessidade e nem base bíblica para tomar decisões em reuniões administrativas. A igreja aprende a tomar suas próprias decisões enquanto exercita os dons espirituais dados aos membros do corpo. A mão decide ser mão; o pé decide continuar sua função e assim por diante. Cada um decide o que diz respeito ao seu trabalho, mas sua decisão não é para si, mas sim para o serviço dos outros (1Pedro 4.10-11).

Todos querem cooperar com os obreiros. Eles são servos que recebem a gratidão da igreja e não ditadores que precisam ser derrubados. Eles não tem o "poder". Eles tem trabalho a fazer. Jesus é que ficou com toda a autoridade no céu e na terra (Mateus 28.18).

¹⁰ As traduções que admitem o termo não estão sendo cuidadosas no uso da linguagem.

¹¹ Veja estudo sobre modelos de organização das igrejas brasileiras: Nelson, Reed E., "Organizational Homogeneity, Growth and Conflict in Brazilian Protestantism" in Sociological Analysis, 1988, 45/4, pág.s 319-327.

"Nomes bíblicos para coisa bíblicas" é um ótimo lema para nossa época. Também é o modo de ter um vocabulário bíblico enriquecido, chamando as coisas pelo nome certo. Isto se torna especialmente apropriado na questão de como chamar os obreiros cristãos. Chamá-los de "líderes", "dirigentes" ou de "aqueles que estão na frente do trabalho" não demonstra respeito para com o modo como Deus determinou que eles fosse chamados. Eles são servos, consideremo-los como tais.

Não sejamos e nem tenhamos líderes! Sejamos servos, ministros de Cristo.



MEMBRO: UMA BOA PALAVRA MAL UTILIZADA

Comunicação precisa depende do uso de palavras precisas. Uma diferença entre a linguagem de uma conversa informal e a de um documento jurídico é a precisão deste último. Na linguagem do dia a dia podemos usar termos vagos, gíria e recursos tais, mas em um tribunal, onde uma decisão vai ser tomada, as palavras devem ser utilizadas de modo mais sério e preciso. Nada pode ficar ambíguo.

Quando pensamos no ensino e no uso da Palavra de Deus, seriedade e precisão também são bem-vindos. Estamos lidando com a transmissão de verdades que tem o poder de alterar o estado eterno de alguém, do dia do grande juízo de Deus. Portanto, um certo cuidado com o uso da linguagem bíblica na igreja e na pregação do evangelho é sempre importante.

O alvo deste artigo será o de contrastar o uso neotestamentário do termo membro¹², com o uso impreciso, para não dizer errado, que se faz dele.

ENGANO #1 - "MEMBRO DA IGREJA"

O primeiro erro no uso da palavra bíblica membro ocorre na frase "membro da igreja". Tal expressão não ocorre no Novo Testamento. Um falso raciocínio poderia ser utilizado para justificar tal uso: "Se a igreja é o corpo de Cristo, e se nós somos membros do corpo de Cristo, então, somos membros da igreja". Mas este raciocínio é tão falso quanto aquele que diz: "Se Maria é mãe de Jesus, e se Jesus é Deus, então Maria é mãe de Deus". Um erro destes raciocínios é o de misturar analogias e relacionamentos que não devem ser misturados.¹³ O erro que queremos ressaltar, no entanto, é o fato de criar uma expressão não bíblica que gera uma prática anti-bíblica.

No caso do uso da expressão "membro da igreja", o principal resultado negativo é o de não enfatizar a ligação do cristão com Cristo. Ser "membro da igreja" sugere que nossa ligação é apenas horizontal, social e humana. Esta ligação existe, mas não é a principal ideia do uso do termo no Novo Testamento. Como veremos a palavra membro indica nossa forte ligação com Cristo. Quando se utiliza a expressão "membro da igreja", Jesus foi colocado de lado e a igreja

¹² No grego, MELOS.

¹³ O silogismo que fala sobre Maria ser mãe de Deus incorre no erro de confundir as duas naturezas de Jesus. O fato de Maria ser mãe de Jesus, fala apenas da parte humana dele e não de sua divindade. Se Jesus é Deus, ele o é não por causa de Maria, mas por causa de sua natureza que antecedia a própria Maria. Assim também, o raciocínio sobre sermos "membros da igreja" retira a palavra "membro" da analogia de um corpo, para colocá-la em ambiente estranho ao seu uso original.

tomou o seu lugar. A igreja torna-se um clube religioso do qual somos "membros".

ENGANO #2 - "MEMBRO" EM CONTRASTE COM "LÍDERES"

O segundo erro no uso da palavra membro ocorre quando se explica a chamada "organização" da igreja: bispos, diáconos, evangelistas, mestres e "membros"! Isto é absurdo. Todos são membros. Mas o que esta forma de falar esta deixando entrever é uma concepção de que a igreja é composta de "clérigos" e "leigos".¹⁴ Os "líderes" e "oficiais" da igreja em contraste com o "membro" comum. Tal diferença não existe no Novo Testamento: todos são sacerdotes e somente Jesus é o Sumo-Sacerdote. Todos tem dons do Espírito para a execução da vontade de Cristo. A palavra "membro" é erroneamente utilizada para justificar e apoiar estas distinções anti-bíblicas.

Tal utilização do termo não apenas ensina o erro da separação entre clérigos e leigos, mas também incentiva os chamados "membros" a ficarem confortavelmente estáticos, sem fazer nada no Reino. A palavra "membro" passa a significar "alguém que não tem cargo na igreja". Para quem não tem "cargo", não há trabalho! Porém, como iremos notar, a palavra membro do corpo de Cristo já é indicativa da função que cada um deve cumprir.

ENGANO #3 - USO EXCESSIVO

O terceiro erro comum no uso da palavra membro é uma questão de frequência de uso. Na prática, o termo é usado demais e os outros modos de designar os cristãos fica esquecido. Note a tabela¹⁵ mostrando as ocorrências dela e de alguns outros termos:

TERMO -----	OCORRÊNCIAS
cristão -----	3
discípulo -----	250
irmão -----	230
membro -----	14
santos -----	59

¹⁴ Embora o Catolicismo Romano ensine claramente a distinção entre os clérigos e os leigos, também o mundo evangélico pratica tal distinção, fazendo dos "pastores" e outros similares, homens especiais sem os quais Deus não aceita a realização de batismos, celebração da ceia e outros atos. Isto representa um retrocesso, já que a Reforma Protestante já havia dado passos decisivos para recuperar e proclamar o sacerdócio de todos os crentes.

¹⁵ A contagem foi feita no texto grego e não nas traduções.

O que se pode notar nesta tabela, é que o termo membro não é o mais frequente na linguagem bíblica e portanto não deveria ser também no nosso falar sobre os santos. Palavras como discípulos, irmãos e santos são bem mais comuns e devem ser usadas.

MEMBRO COMO PALAVRA DE AÇÃO

O uso neotestamentário da palavra membro sempre carrega a ideia de atividade: os membros são responsáveis por atividades, ações e atitudes.

Jesus falou de cortar membros do corpo que levam ao pecado (Mateus 5.29-30). Referia-se, não aos pedaços do corpo humano, mas aos desejos incorporados no homem que o levam a pecar e comprometer toda a sua existência, atual e eterna.

Paulo segue Jesus, ordenando mortificar "os membros terrenos"¹⁶, referindo-se não a alguma espécie de castigo corporal, mas ao extermínio dos desejos pecaminosos e vícios nos quais o discípulo vivia antes de sua conversão (Colossenses 3.5). Tiago também coloca os membros do corpo como fontes do pecado que contaminam toda a pessoa (Tiago 3.5; 4.1).

Vale a pena repetir que os membros aqui acusados não são as partes literais do corpo humano, mas os desejos errados, que usam estes membros como "base de operações" para realizar o pecado (Romanos 7.5,23). Os membros do corpo em si mesmos podem ser usados para o bem ou o mal (Romanos 6.13,19), conforme nossa obediência a Deus ou não.

O que se nota em todos estes textos é o papel ativo dado aos membros de um corpo. Nestes exemplos negativos, eles são ativos para o mal e o pecado. A palavra tem, portanto, conotação de atividade. Esta constatação é importante para afirmar que a condição do crente como membro do corpo de Cristo é uma condição de atividade, contrapondo-se ao engano #2, discutido acima, que transfere para a palavra membro a ideia de inatividade.

MEMBRO COMO PARTICIPANTE DE CRISTO, REALIZANDO FUNÇÕES

Os textos que usam a palavra membro, no sentido que ela pode ser aplicada aos cristãos, estão todos nas cartas de Paulo aos Romanos (12.4-5), 1Coríntios (6.15; 12.12, 14, 18, 19, 20, 25, 26, 27) e Efésios

¹⁶ A versão de Almeida, Revista e Atualizada traduz: "natureza"; Almeida, Revista e Corrigida e a Bíblia de Jerusalém traduzem literalmente: "membros".

(4.26; 5.20). Embora a metáfora do corpo usada em Efésios seja levemente diferente da que está nas outras cartas¹⁷, as lições básicas que se tira destes textos são:

1. Somos membros de Cristo: esta é a principal ligação que temos. Como conjunto somos o corpo dele (Romanos 12.5; 1Coríntios 6.15; 12.12,27; Efésios 5.30). Nosso vínculo com ele é tão forte, que se nos envolvermos com o pecado seria como envolvê-lo no pecado também (1Coríntios 6.15). Por outro lado, Jesus cuida de nós como seu próprio corpo (Efésios 5.20), Isto não é apenas uma metáfora, mas fomos incorporados em Cristo no batismo de modo que agora estamos vivendo nele (1Coríntios 12.12-13). Desta incorporação é que nasce a frase "em Cristo", tão comum no Novo Testamento.

2. É só como consequência deste fato que somos também chamados membros uns dos outros (Romanos 12.5; Efésios 4.25). Por isso não deve haver individualismo, divisão, orgulho ou pecado de um contra o outro. Cuidar dos irmãos é cuidar de si e de Cristo, no qual todos estão incorporados e do qual são membros.

3. Como membros do corpo, temos e devemos desempenhar funções: ninguém pode ser inativo em Cristo (Romanos 12.4; 1Coríntios 12.14-27). No corpo humano, cada membro está lá para o desempenho de uma tarefa ou função que visa o bem de todo o corpo. Assim o santo deve entender o sentido de sua atribuição de membro do corpo de Cristo.

APELO

Abandonemos o uso equivocado do termo membro e utilizemo-lo apenas quando for legítimo. O perigo de usar um termo bíblico de modo contrário ao seu sentido na Bíblia é a base de muitos desvios do mundo religioso.

Alguns que se desviaram da verdade, ainda usam termos bíblicos, mas sem seu sentido bíblico original: "não vos assemelheis, pois, a eles".

¹⁷ Na carta aos Efésios (e também em Colossenses), Cristo é a Cabeça e a igreja é o corpo. Nas cartas aos Romanos e aos Coríntios, Cristo não aparece como cabeça do corpo. Pelo contrário, partes da cabeça (ouvidos, olhos e nariz) e até a própria cabeça são representadas pelos irmãos da comunidade e não Cristo.

LIDERANÇA NO NOVO TESTAMENTO

Alguns tem entendido através da leitura de meus artigos anteriormente publicados que não existe a ideia de liderança no Novo Testamento. Que a palavra e as ideias associadas a ela nem ocorrem ali. Isto não é bem verdade. Os termos “líder” e “liderar” também são termos do Novo Testamento assim como as palavras “pecado”, “orgulho” e “mentira”. Todos são termos bíblicos, mas nem por isto devemos praticar qualquer uma destas coisas!

Neste artigo esperamos que o leitor possa observar como os termos ligados à ideia de liderança são usados no Novo Testamento. A partir desta constatação acreditamos que poderemos usar os termos da mesma forma que o Novo Testamento utiliza.

ASSENHORAR-SE

Os termos κυριεύω e κατακυριεύω, “assenhorar-se” são apresentados no Novo Testamento como o comportamento dos governantes (Mateus 20.25; Marcos 10.42; Lucas 22.25). Os dirigentes das nações se fazem de senhores dos homens. Alguém ou algo pode assenhorar-se de outro por força (Atos 19.16) ou por qualquer outra forma de exercício de domínio (Romanos 6.9,14; 7.1). A implicação de superioridade é inerente ao termo pois vem da palavra κύριος, senhor.¹⁸

Os obreiros cristãos, contudo, nunca devem assenhorar-se do povo de Deus (1Pedro 5.3; 2Coríntios 1.24). O único que pode, legítima e corretamente, exercer o domínio e assenhorar-se de todos é Jesus. Ele morreu e ressurgiu justamente para assenhorar-se de todos (Romanos 14.9). Até os dominadores deste mundo devem reconhecer que Jesus é o Senhor de todos (1Timóteo 6.15).

SER O PRINCIPAL

É um fato bem assentado aos estudantes do Novo Testamento e da história da igreja que a organização da sinagoga judaica teve influência sobre a igreja cristã. Há numerosas aproximações entre as duas entidades. São notáveis, contudo, as diferenças entre as duas “organizações”. No aspecto da “liderança”, este contraste é instrutivo.

A sinagoga tinha os seus “principais”. O principal da sinagoga, ἀρχισυνάγωγος, poderia ser apresentado como o “chefe, presidente ou

¹⁸ Ver Louw-Nida, #37.50

líder” da casa de oração judaica¹⁹. Geralmente havia um por sinagoga (Lucas 13.14; Atos 18.8, 17), escolhido dentre os anciãos²⁰, mas em alguns casos encontramos mais de um sobre uma sinagoga (Atos 13.15; talvez Marcos 5.22). A igreja de Deus, por outro lado, não tinha “principais, chefes ou líderes”. Tal vocabulário não se encontra no Novo Testamento. As igreja cristãs evitaram o estilo de liderança judaico, que já havia sido rejeitado por Jesus em seus discursos sobre liderança religiosa (Mateus 23.1-12).²¹

No contexto judaico estes homens poderiam ser chamados simplesmente de “chefes” (Mateus 9.18)²², no grego ἄρχων, chefe, autoridade. Este termo contudo tinha aplicação mais ampla no mundo gentílico sendo usado para referir-se aos governadores e dignitários do mundo greco-romano (Mateus 20.25). Os judeus também usavam o título para os seus dirigentes nacionais, os membros do Sinédrio, o senado dos judeus (João 3.1; 7.26; Lucas 23.35).

Tais termos tão comuns na cultura e na organização social do mundo antigo não foram transportados para dentro da “organização” da igreja. O único que pode ser chamado de chefe ou regente dos cristãos (e de todos) é Jesus (Apocalipse 1.5; Romanos 15.12). Os discípulos de Cristo foram advertidos a não tentarem tomar tais posições pois entre eles as coisas não deveriam ser assim (Marcos 10.43).

EXERCER AUTORIDADE

Exercer autoridade não é a atribuição do cristão. Jesus é o único que tem toda a autoridade, ἐξουσία, tanto no céu como na terra, ou seja, na igreja inclusive (Mateus 28.18). Jesus demonstrou já durante seu

¹⁹ Estudos mais recentes destes termos tem demonstrado que “principal da sinagoga” não se aplicava sempre aos dirigentes da sinagoga, pois ocasionalmente foi um título dado até para mulheres! “Principal da sinagoga” em muitos casos, era um título de honra dado a pessoas que fizeram atos de beneficência para a sinagoga e para a comunidade judaica. Neste caso, mulheres ricas poderiam receber o título e a homenagem, embora não participassem de forma alguma da direção do “culto” da sinagoga.

²⁰ F. F. Bruce, **The Acts of the Apostles: the greek text with introduction an commentary**, 2nd edition, Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans, 1952 (reimpressão de 1979), pág. 261.

²¹ É interessante notar que Epifânio, autor cristão falecido em 403 AD, menciona o fato que as igrejas judaico-cristãs (Ebionitas) de seu tempo tinham presbíteros e presidentes da sinagoga: πρεσβυτέρους γὰρ οὗτοι ἔχουσι καὶ ἀρχισυναγωγῶτος [Epifânio, Πανάριον. XXX.18], citado em F.F.Bruce, loc. cit. Estes Ebionitas chamavam de sinagoga ao que chamamos de igreja: συναγωγὴν οὗτοι καλοῦσι τὴν ἑαυτῶν ἐκκλησίαν καὶ οὐχὶ ἐκκλησίαν [Epifânio, Πανάριον. XXX.18], citado por J. B. Lightfoot, **St Paul's Epistle to Philippinans**, Grand Rapids, Zondervan, (1913) 1975, pág. 192, nota 3.

²² Lucas 8.41 explica ao seu público gentio que se trata de um chefe da sinagoga judaica. Marcos 5.22 usa a palavra composta chefe-da-sinagoga.

ministério na terra, autoridade para curar, ensinar, expulsar demônios e perdoar (Marcos 1.27; 2.10; Mateus 7.29; 9.8; Lucas 4.32,36; 5.24). É sempre deste modo que ele usa sua autoridade e no mesmo espírito passou aos seus discípulos a autoridade de fazer o bem (Marcos 6.7; 3.15; Lucas 9.1; 10.19; Mateus 10.1). Lembrou-os, contudo, que o mais importante não era o poder de fazer coisas boas, mas a salvação (Lucas 10.20), o fato de ser filho de Deus (João 1.12). Conforme as profecias, Jesus não usou sua autoridade²³ para ser violento (Mateus 12.17-21), mas para servir (Lucas 22.27; João 13.1-5).

Na descrição da força política e militar de seu tempo Jesus usou os verbos “exercer autoridade, governar ou reinar”, ἐξουσιάζω e κατεξουσιάζω, apenas ao falar da organização dos poderes deste mundo (Lucas 22.25; Mateus 20.25; Marcos 10.42). Estes verbos nunca são usados para falar do relacionamento entre os irmãos em Cristo. Na igreja ninguém “exerce autoridade sobre” outro irmão.

Se o discípulo de Cristo receber autoridade é para servir, ou seja, autoridade para fazer sua tarefa (Marcos 13.34). Aqueles que como Simão, o mago, querem apenas autoridade, estão sob maldição (Atos 8.19). Até mesmo o apóstolo Paulo, exercendo o papel de representante de Cristo, sabia que sua autoridade visava a edificação (2 Coríntios 10.8; 13.10). Mesmo nos assuntos onde ele tinha “direitos de exigir” ou “autoridade” ele preferia guiar a igreja pelo exemplo e não pela força (2 Tessalonicenses 3.9).

SER O PRIMEIRO

Ser o primeiro, πρωτεύω, ou estar na primeira posição é dignidade apenas de Jesus (Colossenses 1.18). O Novo Testamento condena o “amor ao primeiro lugar”: φιλοπρωτεύω. O termo pode ser traduzido como “desejar ser o primeiro, gostar de ser líder”²⁴ ou “gostar ou amar ser o primeiro em posição”²⁵. Tal era o desejo de Diótrefes (3 João 9). Qualquer desejo, esforço ou tentativa de ser o primeiro é um pecado grosseiro.

Se alguém quer ser o primeiro, πρώτος, deve servir e ser escravo de todos (Marcos 9.35; 10.44; Mateus 20.27). Não que seja possível tornar-se o maior desta forma, mas que justamente este é o caminho

²³ O evangelho de João ressalta a autoridade de Jesus para julgar (condenar), morrer e ressurgir e enfim exercer autoridade sobre toda a carne (João 5.27; 10.18; 17.2)

²⁴ Bauer & Arndt & Gingrich, pág. 868.

²⁵ Louw & Nida, #25.110 φιλοπρωτεύω.

no qual nosso desejo de grandeza deve ser canalizado. O resultado será ser escravo de todos e ser glorificado pelo Senhor.

LIDERAR E DIRIGIR

Os termos do Novo Testamento que mais se aproximam do conceito de liderança é o verbo “conduzir” ἡγέομαι e especialmente na forma ὁ ἡγούμενος, “o que dirige, guia, conduz”. O termo governo, comando ou império (ἡγεμονία) usa-se para descrever a regência de Tibério, imperador romano (Lucas 3.1). O termo, ἡγεμών, príncipe ou governador (Mateus 27.2; Atos 23.24; 1Pedro 2.14) geralmente é aplicado a oficiais do governo²⁶ (O verbo ἡγεμονεύω: governar, só é aplicado aos procuradores romanos no Novo Testamento).

“O que guia”, ὁ ἡγούμενος, pode ser um guia político (Atos 7.10), pode ser o “porta-voz” de um grupo (Atos 14.12), pode ser a descrição de irmãos que se destacam por seu uso da palavra na pregação e no ensino (Atos 15.22).²⁷ Cumprindo a profecia, Jesus é o Guia que havia de vir (Mateus 2.6).

Na igreja, ninguém deve ser “o que guia (instrui) com posição superior”²⁸, καθηγητής, (Mateus 23.10). Os termos “Rabi/mestre”, “pai” e “guia” na tríplice admoestação de Jesus são sinônimos (Mateus 23.8-10).²⁹ Por três vezes Jesus insiste que “um só é” o Mestre, o Pai e o Guia.

O termo contudo, é usado em Hebreus para descrever um grupo de pessoas chamadas de “os vossos guias”³⁰ (Hebreus 13.7,17,24). Conforme se nota nos versículos que citam estes homens, sua influência se faz por sua conduta, ensino e cuidado por todos. Não tem autoridade do tipo “hierárquica”, mas a igreja se submete a eles por respeito, para o desempenho do seu serviço. Sua esfera de ação é mais religiosa e moral do que administrativa.³¹ Estes guias da igreja devem ser os presbíteros ou bispos ou pastores ou “cuidadores” do rebanho.

²⁶ Mateus 2.6 é a exceção.

²⁷ Judas Barsabás e Silas são chamados ἄνδρας ἡγουμένους ἐν τοῖς ἀδελφοῖς **entre** e não **sobre** (ἐπί) os irmãos.

²⁸ Sem querer incorrer no erro da “etimologização” o termo καθηγητής é originado de καθηγέομαι = κατά e ἡγέομαι: H. K. Moulton, **The Analytical Greek Lexicon**, London, Samuel Bagster and Sons LTD, 1977, pág..207.

²⁹ Devo esta observação e tratamento da questão a C. Spicq, **TLNT**, vol. 2, pág. 233-235.

³⁰ Lamentavelmente a segunda edição da versão revista e corrigida de João F. de Almeida traduz este termos por pastores (versos 7 e 17) e chefes (verso 24). Infelizmente tal tradução dará um pretexto a mais para o uso de autoritarismo por aqueles que se intitulam pastores e não o são.

³¹ Friedrich Büchsel, ἡγέομαι in G. Kittel, **TDNT**, vol. 2, pág. 907, nota 6.

Mas mesmo com estes bispos sendo chamados de guias, o modelo de Jesus para o modo como vão pastorear a igreja é claro: “Aquele que dirige seja como o que serve”: ὁ ἡγούμενος ὡς ὁ διακονῶν (Lucas 22.26). Serviço e não chefia: esta é a ênfase do Novo Testamento.

Conclusão

Só Jesus está em “status” superior. Lucas reserva apenas para ele o termo ἐπιστάτης, que designa “uma pessoa de alto status, particularmente em razão de um papel de liderança” (Lucas 5.5; 8.24,45; 9.33,49; 17.13).³² Quem como Jesus?



³² Louw & Nida, #87.50

LIDERANÇA NO MUNDO DO NOVO TESTAMENTO E NA IGREJA³³

O mundo do Novo Testamento deve ser avaliado à partir de três culturas que mais o influenciaram:

Judeus	Romanos	Gregos
Mundo do N.T		

Os cristãos moviam-se num ambiente de religiosidade e fé judaica, circundados pela cultura grega e pela política romana. O Estado, o direito, o poder, o exército, a engenharia e o relativo conservadorismo eram Romanos. O pensamento, as artes, a literatura, a língua franca, a filosofia e o misticismo era grego. A Bíblia, o Messias, o monoteísmo, a moralidade e as bases da religião cristã eram judaicas.

Será que a igreja teria aproveitado ou adaptado as estruturas sociais circundantes para moldar, através dela, sua organização interna?

Assim, um estudo para entender o que fez a igreja com as estruturas do seu tempo ajudará a igreja de hoje a ver o que vai fazer com as estruturas dos tempos atuais.

Tomamos como pressuposto de trabalho o fato de Jesus ter rejeitado as estruturas de 'liderança' de seu tempo.

JESUS REJEITOU OS MODELOS DE LIDERANÇA DA ÉPOCA

I. Rejeitou o modelo secular de liderança (Lucas 22.24-30)

o modo do mundo (25) e o modo de Jesus (26)

II. Rejeitou o modelo religioso de liderança (Mateus 23.1-12)

o modo dos religiosos (1-7) e o modo de Jesus (8-12)

Quais eram estas estruturas? Podemos agrupar as formas de organização da sociedade greco-romana em quatro grandes grupos, conforme o quadro abaixo:

³³ Andrew D. Clarke, **Serve the Community of the Church**, Grand Rapids, Eerdmans, 2000.

- | |
|---|
| <p>I. Comunidades Urbanas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cidades Greco-Romanas (ἐκκλησία) - Colônias Romanas (culto imperial) <p>II. Pobres</p> <ul style="list-style-type: none"> - Associações profissionais - Uniões comerciais <p>III. Família Romana</p> <p>IV. Sinagoga Judaica</p> |
|---|

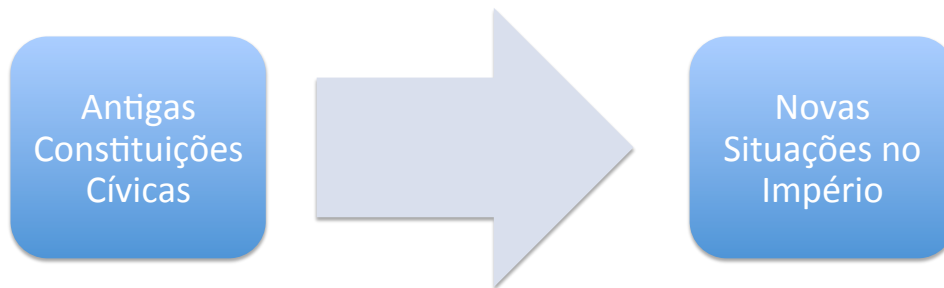
Todos estes grupos tinham suas estruturas sociais bem organizadas, mas Jesus vai acabar rejeitando os sistemas de organização social de todos estes grupos.

Para poder apreciar o estudo destas organizações e de suas lideranças, é importante não esquecer de três elementos presentes naquelas sociedades que não são óbvios para nós hoje em dia:

1. Não separar “Secular” e Religioso” – Ou seja, os antigos não classificariam de ‘secular’ nenhuma de suas associações comerciais, artesanais, etc. – tudo era religioso ou tinha ligação com os ‘deuses’.
2. Domínio das distinções de Honra e Status – Eles viviam numa cultura de honra/vergonha. Neste tipo de cultura, honra, status social, reputação, fama, etc. são a moeda mais importante. Outros tipos ideias de cultura são a cultura de inocência/culpa e a cultura de poder/medo. Nós, povo cristão da cidade, vivemos em uma cultura de inocência/culpa, onde o certo e o errado justificam nossas ações. O homem do campo, que vive sob influência do Candomblé ou do Espiritismo Popular vive mais na cultura de poder/medo. Os árabes e os japoneses modernos ainda vivem, muitos deles, em uma cultura de honra/vergonha. Isto significa que as questões de honra ligados ao status e aos ‘postos de liderança’ serão muito importantes para eles.
3. Patronato e Clientelismo (Influência pessoal) – Isto nos faz lembrar que as relações de poder e de ‘benefício’ estavam atreladas a esta malha de relacionamentos chamado “patronato”. Ela é semelhante aos apadrinhamentos que temos no Brasil ou na organização das ‘famílias’ da Máfia italiana. O patrono ajuda o cliente, mas o cliente sempre está devendo ao patrão.

Capítulo 1 – LIDERANÇA NA CIDADE GRECO-ROMANA

As cidades do mundo greco-romano tiveram que adaptar-se aos novos ‘senhores’ do mundo, os romanos. Antigas cidades livres não eram mais tão ‘livres’ assim. Os aristocratas e ricos governavam pelo favor dos romanos, em aliança com eles. Assim, a antiga assembleia da cidade e sua organização podia funcionar, desde que colaborasse com o pensamento romano.



A cidade grega era governada por uma assembleia, ἐκκλησία, ou seja, a assembleia democrática legal da cidade-estado autogovernada (πόλις). Essa assembleia, feita apenas por cidadãos, πολῖται, escolhia um conselho, βουλή, que, com vários cargos e postos, governaria a cidade. O conselho, βουλή, era geralmente composto por 500 membros eleitos anualmente com mais de 30 anos e com boa conduta (aristocratas).

CIDADE GRECO-ROMANA

βουλή = conselho + δήμος = povo ← πολῖται
Assembleia = ἐκκλησία

Ocasionalmente, o termo ‘povo’ ou *demos*, δήμος, indicaria a assembleia ou *ecclesia*, ἐκκλησία. A **assembleia combinada** (conselho + povo) ocorria cerca de 40 x por ano. Muitas vezes os cidadãos recebiam um pagamento para participarem das assembleias. A ratificação das decisões por levantar as mãos – χειροτονέω. A **assembleia legal** ou **regular** era chamada, como em Atos 19.39, ἐν τῇ ἐννόμῳ ἐκκλησίᾳ = na assembleia regular (legal). Uma assembleia ilegal poderia ser encarada pelos romanos como um planejamento de rebelião.

Alguns cargos específicos de administração eram:

- O **secretário**, ou tesoureiro da cidade, γραμματεὺς = tesoureiro da cidade, era uma função importante (At 19.35).

- Havia também os **oradores** ou preletores, alguns deles, profissionais: ρητορες = oradores.
- Para as funções executivas e sobretudo judiciárias, havia os **magistrados** ou *estrategos*, como em Atos 16.20,22, 35, 38: στρατηγοί = magistrados.

A cidade antiga sempre vive sob o patronato de deuses. O calendário cívico é dominado por dias sacros e festivais. As reuniões, tanto do βουλή como da ἐκκλησία sempre eram conduzidas em um ambiente proeminentemente religioso. Sacerdócios e cargos públicos vão juntos. O culto imperial era uma síntese destas duas 'áreas' da vida urbana. Por exemplo, Júlio César, o ditador, também era o *Pontifex Maximus*, ou seja, o Sumo-Sacerdote. Outros cargos desta natureza: "augur", "septemvir". Assim, além das funções públicas e administrativas, as elites e os aspirantes a esta elite disputavam os cargos 'cívico-religiosos' para receber honra e poder. Este era um dos modos pelos quais os governantes locais buscavam apoio superior (de César) e honra local.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IGREJA:

Embora a igreja (ἐκκλησία) estivesse se apropriando do nome da 'assembleia' da cidade, não se apropriou de sua estrutura hierárquica: a igreja não tinha 'conselho', 'magistrados', 'preletores oficiais', 'secretários', 'adivinhos', etc. A reunião cristã eram uma 'assembleia ilegal', sim, uma assembleia concorrente com a assembleia da cidade. Celso, polemista crítico do cristianismo no segundo século [170-185] já criticava os cristãos por suas assembleias ilegais³⁴.

³⁴ Orígenes, *Contra Celso*, 1.1-3.

Capítulo 2 – LIDERANÇA NAS COLÔNIAS ROMANAS E NA CIDADE

Podemos, a grosso modo, classificar as cidades que não estavam nas antigas tradições da cidade grega (do capítulo anterior) em duas categorias: colônias romanas e cidades (ou municipalidades menores).

As Colônias Romanas eram consideradas como pequenas miniaturas ou imitações de Roma (*effigies parvae – simulacraque*). Eram fundadas em todo o Império de modo a recompensar os legionários veteranos e criar fidelidade e influência romana onde eram constituídas.

Iam morar nas colônias romanas especialmente dois grupos:

- Soldados veteranos, ou seja, aposentados – ganhavam terras e propriedades.
- O excesso populacional de Roma, ou seja, procurava-se atrair e colocar nas colônias pessoas que, com sua saída, abrandariam o problema da grande densidade populacional da cidade de Roma.

As cidades podiam estar com ou sem o direito de cidadania romana. Isto dependeria da forma como a colônia foi fundada. No Novo Testamento temos, entre as colônias romanas:

- Antioquia (Pisídia)
- Iconio
- Listra
- Filipos
- Corinto (libertos e pobres de Roma)

Havia também as cidades (“*municipia*”), ou seja, agrupamentos urbanos de menor status sócio-econômico e honorífico no mundo romano. Nestes agrupamentos, as organizações locais, aristocráticas e tradicionais também encontravam meios de obter o apoio romano e manter sua administração com relativa independência e, ao mesmo tempo, com subserviência.

O Imperador utilizava seu apadrinhamento (patronato) em favor das cidades. Era intensa a competição entre as cidades por privilégios e honra, vindos do Imperador. Estas coisa podiam ser obtidas

diretamente do imperador ou através de um senador, um membro da casa imperial, etc.

Nas cidades romanas, o papel da ἐκκλησία, a assembleia, era restrito à eleição dos oficiais cívicos. As posições de liderança se alinhavam no “*cursus honorum*” dos cidadãos nobres, que era um sinal de status social – honra. Ou seja, um nobre teria que passar por uma série de cargos ter uma série de títulos honoríficos e funções cívicas para assim ressaltar sua nobreza, poder, status e honra superiores.

Na administração da colônia romana iremos encontrar:

1 - “*Ordo decurionum*” – concílio de decuriões em número aproximado de 100 pessoas. Elite, dentre 25-55 anos, íntegros moralmente, com poderes de aprovar ou ratificar ou não, as decisões da cidade ou de seus executivos. Este grupo não era executivo na cidade.

2 - Magistrados

- Dois *duovirs* ou seja, dois varões, responsáveis pela atividade judicial
 “*duoviri iure dicundo*” tinha a função de presidir os decuriões e atuarem como chefes do judiciário.
- Dois *aediles* que eram o equivalente a prefeitos, fiscais ou tesoureiros
 “*aedilis*” (como Erasto, Rm 16.23) trabalhavam no suprimento de cereal, na manutenção de edifícios sacros, cidades, estradas etc e na fiscalização pesos e medidas.
- *quaestores* que funcionavam como tesoureiros ou fiscais financeiros.
 “*questor*” era uma cargo ‘júnior’ na administração local.

3 - Outros Cargos

- “*Agonetes*” – organizador de jogos
- “*curator annonae*” – curador de suprimento de cereais.

Os aristocratas e os líderes não agem por filantropia ou por altruísmo. Eles querem honra (φιλοτιμία) e a garantia de seu poder e privilégios.

Tais coisas são sinalizadas por um código de vestimentas (cada classe veste-se de um certo modo); assentos privilegiados nos espetáculos, banquetes, etc; imunidade em processos (o processo judicial não visava saber quem é justo, mas quem é o mais digno de honra – logo, os ricos sempre ganhavam dos menos ricos). O desejo por honra era o grande motivo da sociedade. Receber adulação e apoio era um alvo da aristocracia e do Império.

Nas cidades romanas, lideranças cívicas e religiosas caminhavam juntas. Sacerdócios, ocasionalmente, eram mais honoríficos que magistraturas. Um sacerdócio no culto Imperial ligava a aristocrata diretamente ao Imperador. No nível popular, o culto imperial era um momento de participar de benefícios dos ricos (festas, comidas, etc). O culto ao imperador era a religião mais crescente e mais rica do mundo da época.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IGREJA:

Veja que a igreja não levou nenhum destes títulos ou funções para sua 'organização' ou sua vida.

Capítulo 3 – LIDERANÇA EM ASSOCIAÇÕES VOLUNTÁRIAS

A cultura de honra e vergonha operava em todos os níveis da sociedade e não apenas nos níveis da elite. Embora as associações fossem o local de expressão das classes menos privilegiadas, a mesma gramática cultural de busca de honra funcionava. Nas associações o mesmo tipo de sentimento e ambiente que as cidades tinham em seus sistemas administrativos. Também o sistema de patronagem era importante para as associações.

Vários tipos de associações:

“Collegium, secta, factio, thiasos, eramos, koinon, symodos, sodalitas”, θίασος.

Alguns eram:

- Associações Públicas;
- Associações Semioficiais;
- Associações puramente privadas (comerciais, sacerdotais, domésticas, para sepultamento, etc.).

Funcionavam não apenas no objetivo principal (comércio, culto, sepultamento, etc...) mas também no sentido social, recreacional, cívico, honorífico etc.

“Collegia domestica” pode ser como muitas ‘igrejas’ eram vistas, nas suas reuniões nas casas. As “Sociedades de Sepultamento” eram das mais populares. Estas últimas eram associações feitas para que o indivíduo tivesse, no falecimento, os cuidados de um funeral digno. O associado pagaria uma espécie de mensalidade e conviveria com o grupo. Na hora do falecimento de cada membro, o grupo tomava todas as providências para atender ao funeral.

Cargos e funções:

Um posto de honra nas associações era do *quinquennalis*. Honra era indicada por privilégios, como por exemplo, dava-se mais quantidade, qualidade de alimento no banquete aos convidados mais dignos do banquete. Os pobres ou menos dignos recebiam menos.

Havia uma fascinação pelo uso de títulos para descrever posições oficiais: *“magister, curator, quinquennalis, decurion, questor, mater, collegii, pater collegi, sacerdos, hiereus, archiereus”*.

Havia atividade política em algumas associações o que levou os imperadores a restringirem muitas delas. Trajano proíbe uma associação de bombeiros por desconfiança política.

O tamanho destas associações variava. Normalmente era de 30 a 40 pessoas, algumas chegavam a 200. Talvez o limite normal, de espaço era cerca de 150.

A atividade religiosa das associações estava sempre presente, importando a natureza da associação. As associações eram muito procuradas e muito importantes para todos os antigos.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IGREJA:

Novamente, é bom notar que a igreja, mesmo funcionando em casas não usou a estrutura das organizações e associações voluntárias. Os de fora poderiam pensar que a igreja era uma associação voluntária, mas sua estrutura não era, de forma nenhuma, cópia da sociedade da época.

Capítulo 4 – LIDERANÇA NA FAMÍLIA E NA “CASA”

A família e a casa do mundo antigo foram muito influentes para a igreja pois as igrejas reuniam-se em casas. A grande desconfiança é que a igreja irá moldar sua organização com base na casa. Contudo, como pode ser observado no Novo Testamento, não foi assim que ocorreu.³⁵

Os termos latinos para casa e família são sinônimos, mas conforme a situação e o uso podem significar coisas diferentes:

“*domus*” e “*família*” → iguais, diferentes e semelhantes.

No ponto de vista grego, (i) o que diz respeito à cidade, “*polis*” é a política, a administração e aos bens públicos; (ii) o que diz respeito à casa. “*oikos*” é a economia, produção, etc.

A família greco-romana é constituída por todos os que estão sob a autoridade do “*paterfamilias*”. Estes são: esposa, filhos, escravos, libertos e/ou clientes e até certo ponto os amigos.

O termo “*domus*” pode descrever o prédio ou a casa, mas também era usada para descrever as pessoas ou os membros da casa.

O líder da casa tinha o “*pátria potestas*” devido a ser o “*paterfamilias*”. Seu poder era, dentro da casa, absoluto.

Os dois tipos de casamento determinavam a extensão do poder do *paterfamilias* sobre a esposa:

“*manus*” - noiva sob poder do noivo.

“*sine manu*” - noiva sob poder de seu “pai”

“*Pietas*” é a virtude que se pede dos filhos para com os pais. “*Pietas*” é também o que os pais têm pelos filhos.

O escravo faz parte da família, mas em grande desvantagem. O liberto, que é o escravo alforriado, tem o dever de continuar ligado à casa por fidelidade e gratidão. Ele sempre será cliente.

A religião doméstica era responsabilidade do “*paterfamilias*”. Alguns adoravam “*Vesta*” (grego: *Hestia*), espírito da casa. Outros deuses

³⁵ Infelizmente GEHRING, Roger W. **House Church and Mission**. Peabody: Hendrickson, 2004, comete o erro de confundir o local com as estruturas de poder do local. Ele quer dar aos donos das casas de reunião um poder que o Novo Testamento não dá a ninguém.

importantes eram os “*Lares*” (deuses tutelares e espíritos guardiões). Os “*penates*” (espíritos da copa = armário de armazenamento). “*Di Penates*” era a adoção de deuses tradicionais, mas originalmente, os “*Penates*” eram uma coleção indistinta de deidades. Até os “*imagines*” (espírito dos ancestrais) faziam parte disto. Há uma certa sobreposição entre “*Vesta*”, “*Penates*” e “*Lares*”. O gênio ao “*numem*” da família também era adorado.

O “*paterfamilias*” era especialmente responsável por todo este culto doméstico. A esposa adotava os deuses do marido. Os filhos dariam prosseguimentos ao culto.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IGREJA:

Veja que a forte estrutura patriarcal da sociedade antiga não passou para a igreja, onde todos eram irmãos e ninguém podia ser “pai”.

Capítulo 5 – LIDERANÇA NAS SINAGOGAS JUDAICAS

A recente discussão sobre sinagogas na Palestina do NT é a seguinte:

1. Elas tinham prédios ou não?
2. Qual sua origem (época e local)?

Apesar dos problemas, o Novo Testamento e a arqueologia do período mostram que sinagoga, συναγωγή, e lugar de oração, προσευχή, eram usados amplamente para descrever tanto a instituição como o prédio (reunião e local de reunião) já no tempo do Novo Testamento.

Outros nomes:

προσευκτήριον

τὸ ιερόν

σαββατεῖον

διδασκαλεῖον

ἅγιος τόπος

οἶκος

“*templum*”

anfiteatro

Na visão tradicional da sinagoga, normalmente se pensava que sua função era apenas religiosa: para ensino e oração. A visão mais moderna e abrangente mostra que ela tinha função social, cívica, educacional, caritativa, hoteleira, judicial, de relações públicas, “de manumissão de escravos”, era usada para refeições e para manter paz nas cidades multirraciais. Era um verdadeiro centro cívico dos judeus.

Estudar a Torah era a “*raison d’être*” da sinagoga, mas outras atividades também eram importantes. As sinagogas, sobretudo da Diáspora, adotaram muitas coisas da cultura circundante.

Liderança:

A sinagoga absorveu muitas coisas da sociedade circundante, o mundo greco-romano. Os títulos de honra do mundo pagão foram

usados na sinagoga: “*archisynagogos, archon, gerousiarche, prostates*”, e pai e mãe da sinagoga.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IGREJA:

A igreja que começou dentro de muitas sinagogas não usou a organização ou os títulos desta. Nunca encontramos ‘o principal da igreja’ como encontramos ‘o principal da sinagoga’ em vários lugares do Novo Testamento.



Vocabulário ligado à questão de liderança

TERMOS GREGOS PARA LIDERAR

I. A língua grega do tempo dos apóstolos estava repleta de termos para designar cargos oficiais: ἀρχή (ARCHE) e ἄρχων (ARCHON) denotam ofícios e oficiais no sentido de precedência e de estar governando (Lc 12.11; 20.20; Tt 3.1); τιμή (TIME) é o ofício/cargo no sentido de posição de dignidade e honra (Hb 5.4); τέλος (TELOS) define os que tem completo poder para exercer seu cargo. O vocábulo “dirigente”, ὁ προεστώς, como fala Justino (Apol. I, 67.5) não é neotestamentário. O termo λειτουργία (LEITOURGIA), que designava, na vida grega, serviço mais ou menos voluntário pelo estado ou pelos deuses, é usado no Novo Testamento, não para obreiros isolados, mas para: (i) O governo (Rm 13.6) [anjos, Hb 1.7,14]; (ii) Oficiais judaicos (Lc 1.23; Hb 9.21; 10.11); (iii) Jesus (Hb 8.2,6); e (iv) Toda a igreja (Rm 15.27; 2 Co 9.12; Fp 2.25,30). Quando o termo é usado para um grupo (Atos 13.2) ou para indivíduos (Rm 15.16; Fp 2.25) seu serviço não os destaca da igreja, mas a representa.

II. Por outro lado, quando os escritores quiseram falar do que chamaríamos de cargo ou ofício eles usaram o termo ministério, serviço - διακονία (DIAKONIA), um termo quase não-bíblico (pensando da Septuaginta), não-religioso e que nunca incluía associação com dignidade ou honra. O Novo Testamento não conhece a distinção entre ministério e ofício. Sem dúvida há o reconhecimento e regulamentação para o exercício de certos ministérios, mas isto ainda não transformava estas funções em posições hierárquicas ou em títulos honoríficos e oficiais. Termos como apóstolos (ἀπόστολος), diáconos (διάκονος), mestres (διδάσκαλος) são pouco usuais para “cargos oficiais” na língua grega, pastor (ποιμήν) e evangelista (εὐαγγελιστής) são puramente funcionais. Apenas presbítero (πρεσβύτερος) e bispo (ἐπίσκοπος) são comparáveis a algo oficioso, mesmo assim, nunca são vinculados a qualquer função cerimonial que não possa ser feita por outro cristão e há sempre o uso não técnico dos termos.

III. Na verdade, os ministérios são manifestações da graça de Deus, são dons e não postos, cargos ou honras. Todos os cristãos tem alguma tarefa.

ORDENAÇÃO

χειροτονεῖν - [TDNT] Originalmente levantar a mão em concordância de voto, votar em assembleia. Também pode significar **nomear**. [M-M] “**levantar a mão**” e então “**eleger mostrando as mãos**”, e então “**eleger**”, “**apontar**”, O uso eclesiástico posterior de “**ordenar**”. At 14.23 - Nomeação de bispos por Paulo e Barnabé e então com jejuns e oração eles foram colocados em seu serviço. [L-N] **apontar** ou **designar** alguém formalmente para uma tarefa particular. [A-S] Sem voto. Numa leitura variante em um manuscrito [V.l. do mss. 460] em Tt 1. 9 - μὴ χειροτονεῖν διγαμούς (não ordenar casados pela segunda vez) - significa **ordenar**. Também ocorre em subscrições em 2 Tm e Tt sobre instituir bispos. 2 Co 8.19 - **Selecionar** - Representantes escolhidos pela comunidade que acompanhariam Paulo em levar as ofertas a Jerusalém. [L-N] ser escolhido ou selecionado possivelmente por um grupo e talvez por levantar mãos. [A-S] Com voto. [Ferguson] A palavra χειροτονία era comumente usada pelos escritores judeus helenísticos para descrever todas as **nomeações da parte de Deus**. προχειροτονεῖν - At 10.41; προχειρίζασθαι - At 3.20; At 2.14; 26.16.

Líder e liderança nas traduções bíblicas

Paul Ellingworth³⁶ observou as recentes versões inglesas [da Bíblia] “a tendência geral ... de usar “líder” [no inglês ‘leader’, ACP] e termos relacionados para traduzir uma larga faixa de expressões hebraicas e gregas que, de fato, tem uma grande variedade de conotações. O termo ‘líder’ é mais comumente usado no contexto das sociedades democráticas modernas onde autoridade é circunscrita ‘a maior ou menor extensão aos maiores portadores de direitos, sindicatos e associações comerciais’. A projeção do termo “líder” para estes termos hebraicos e gregos pode fazer uma falsa transferência de conotações, sugerindo ao leitor moderno uma conjuntura social parecida com a das sociedades do Primeiro Mundo. Contudo, as sociedades hebraicas e greco-romanas do mundo antigo são muito diferentes. Eram uma sociedade hierárquica e altamente consciente das questões de *status*, de forma que o uso de uma palavra “democrática” induz a anacronismos e distorções. Nestas sociedades, a “liderança” evocava a linguagem de governo e obediência muito diferente e muito mais fortes do que a de uma sociedade democrática. É por isto que os autores do Novo Testamento não usaram palavras ligadas à “liderança” do mundo antigo para falar do relacionamento intra-eclesiástico, mas usaram termos relacionados ao serviço, *diakonia* e afins.

Esta advertência, de um outro modo, serve para nós. Em nossa sociedade, ‘líder’ não é um termo tão democrático assim, pois o Brasil vive, desde seu descobrimento, uma série de ditaduras, de abusos do poder, desde as Capitânicas Hereditárias até a Ditadura Militar, desde o coronelismo até o moderno clientelismo dos vários segmentos da sociedade. Não temos uma boa tradição democrática, mas, sim, temos uma longa história de autoritarismos aceitos passivamente por um povo que não acredita em si e que, ocasionalmente, se aproveita da opressão dos poderosos para obter soluções imediatistas. Enfim, não é bom, num contexto como o nosso, usar termos da liderança da sociedade para descrever o ministério cristão. Isto seria, introduzir na igreja, as injustiças sociais que caracterizam o projeto político e social do Brasil por séculos.

³⁶ CLARKE, Andrew D. *Serve the community of the church*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 233.